

FABRÍCIO CARPINEJAR

# Tão EU, Tão VOCÊ



Ilustrações Ana Pez

edelbra

FABRÍCIO CARPINEJAR

*Coleção Pedacos de Vida*

**Tão EU,  
Tão VOCÊ**

*edelbra*

*Esta é a biografia do meu olhar paterno. Se  
não é real, foi por um detalhe.*

## Sumário

Capa
Folha de Rosto
Engano, estranhos
Mensagem de Mariana aos 13 anos
Tantos, pouco
Mensagem de Mariana aos 13 anos
Saudade, escritos
Mensagem de Mariana aos 12 anos
Tchau, oi
Mensagem de Mariana aos 13 anos
Verdades, pressentimento
Mensagem de Mariana aos 15 anos
Sonhos, esquecimento
Mensagem de Mariana aos 16 anos
Músicas, inveja
Mensagem de Mariana aos 15 anos
Palavra, lugares
Letra de Mariana aos 12 anos
Desejos, despejo
Letra de Mariana aos 14 anos
Portas, janela
Letra de Mariana aos 15 anos
Frações, família
Mensagem de Mariana aos 14 anos
Autores
Créditos





# ENGANO, ESTRANHOS

Minha filha está completando 21 anos. É a sua maioridade e eu não saí da infância.

Sou uma criança que se tornou pai. Um pai indefeso. Um pai inseguro.

Um pai que viveu pedindo empréstimos de paternidade para ser seu pai.

Nunca fracassei, acho que não fui compreendido.

Mas todo mundo que fracassa acha que não foi compreendido. Então, fracassei.

Eu tive várias chances e agi errado na maioria delas.

Você é imensamente parecida comigo, e não aproveitei as semelhanças para perpetuar os traços.

Você ri para trás, balança a cabeça antes de dizer não, debocha quando se emociona: tudo eu, tudo você.

Você distorce o discurso a seu favor, prende-se numa palavra qualquer para ter razão, esquece o contexto, não perdoa a mágoa: tudo eu, tudo você.

Você prefere ter uma infância triste a ser uma adulta feliz: tudo eu, tudo você.

Somos absolutamente iguais e absolutamente distantes.

O que nos separa é a semelhança.

Ser muito igual ao que a gente não gosta é assustador. Não tem como se aproximar.

Você não me ama porque não se ama ainda. Ou inventa um amor para fortalecer a oposição.

Não estou com nenhuma doença séria para sensibilizá-la, não vou morrer nos próximos anos para derrubar os traumas e atalhar o perdão.

Não há um câncer em mim para apressar seu abraço, para garantir a telepatia dos cuidados e sua atenção silenciosa.

Estamos com saúde e a reconciliação com saúde é a mais difícil.

Não existe chantagem emocional, suborno; temos a ideia de que a vida será longa e o ódio não é definitivo.

O tempo não nos apavora.

Fantaseiei adoecer várias vezes para que você atendesse ao telefone. Tão eu, tão você.

Tocada pelo impacto da notícia, talvez deixasse seu ninho com o marido, sem antes reclamar que estou aprontando novamente.

Diria que recebi resultado de um exame e que você precisaria cuidar de seu irmão.

Não faria nenhuma graça, nenhuma piada, manteria um tom sério e pausado, com o barulho nítido da colherinha tocando o fundo da porcelana.

Você sopraria seu café com leite me olhando pela fumaça. Como costuma fazer. Sempre criando uma parede entre nós.

Mas não podemos nos reaproximar por compaixão. Morrer não é se despedir, morrer é abandonar. E não vou abandoná-la.

Eu me orgulho que não sinta pena de mim, jamais me diminuiu para que sentisse pena.

Prefiro que pense que sou megalomaníaco, orgulhoso, prepotente, egoísta, do que um pobre coitado.

A raiva é um merecimento. A crítica é um merecimento. O desaforo é um merecimento.

Que diga que sou imprestável a dizer que não sirvo para nada.

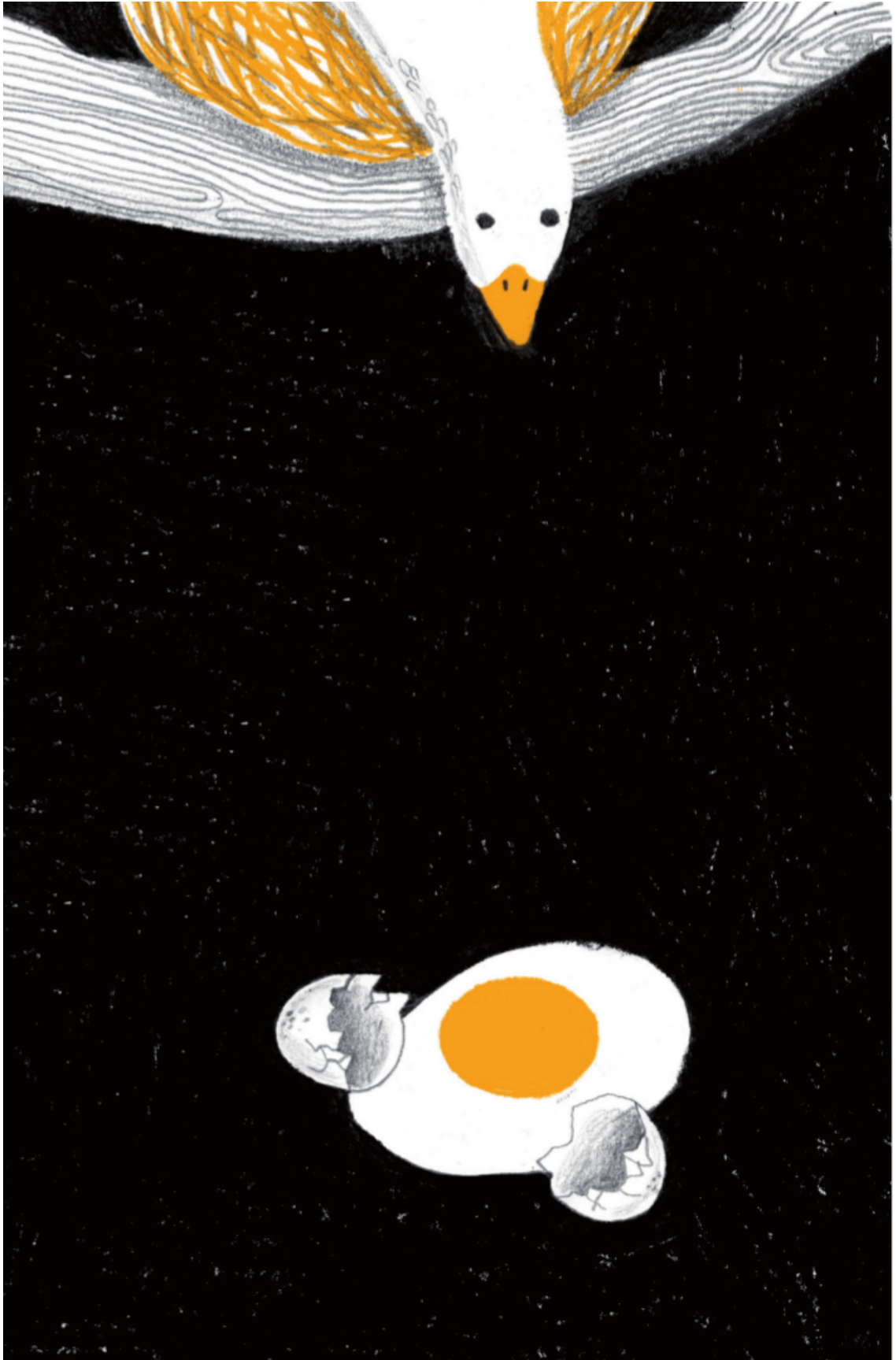
Imprestável é sinônimo de incorrigível. Não serve para nada é sinônimo de coitado.

Até para ser descartado exijo condições.

Já estou brigando. Tão eu, tão você.

É se declarar um pouco, baixar a guarda, e já nos armamos de novo.

Nossa vulnerabilidade dura alguns instantes. O tempo de nossa palavra doce é o tempo de um beijo, depois cobrimos os lábios com veneno e musgo.





Somos duas pessoas que se arrependem rápido demais ao contar os segredos.

A gente conta e já quer a devolução, já mata a amizade, pois não confiamos em ninguém.

Nem na gente.

Eu não confio em mim. Você não confia em si.

Somos desconfianças treinadas.

Deixamos de nos falar quando viajou para Argentina.

Eu errei com você.

Você veio morar comigo pela primeira vez aos 17 anos, o que tanto sonhei, o que tanto esperei, ter finalmente minha filha ao meu lado, e não correspondi suas expectativas.

Sabe o que pensei?

Como tinha vivido enclausurada no apartamento com a sua mãe, com os horários censurados e controlados, com pouco acesso para festas e amizades, decidi lhe garantir vida própria.

Eu lhe ofereci liberdade e você entendeu que era desleixo de minha parte.

Eu lhe ofereci independência e você entendeu que não queria ficar por perto.

Você desejava ser cuidada, chateada, incomodada pela minha presença, e eu me classificando como um pai bacana, legal, desencanado, disposto a inspirar que se emancipasse e encontrasse suas afinidades com o mundo.

Você dedicada a recuperar o tempo comigo e eu me dedicando a que recuperasse o tempo com os outros.

Sugeri que viajasse para fazer um intercâmbio, estudar lá fora, exercitar o espanhol, concluir algum curso na Espanha ou na Argentina.

Você me via apenas lhe empurrando para fora de casa. Para fora de minha vida.

Como um embargo. Assim você se enxergava: alguém sem um lugar definitivo, uma residência, migrando infinitamente no circo dos empregos provisórios e casamentos desfeitos de seus pais.

Você foi para a Argentina. Eu jurei que seria redentor, que você aprenderia a sair e a escolher, que aprenderia a voltar para mim. Não voltou. Não recuperamos o relacionamento.

Não tinha como pular da superproteção para a vulnerabilidade completa – eis o meu maior engano.

Era como mudar de um internato para uma comunidade hippie.

Pai medeia conflitos, eu estabeleci novos.

Quando retornou para Porto Alegre, já estava decidida a morar com seu namorado na casa dos pais dele.

Desistiu do curso de Psicodrama em Buenos Aires, após dez meses. E desistiu de encenar que era minha filha.

Ficou na cabeça que eu privilegiava minhas mulheres.

Que eu oferecia tudo para meu romance, e o que sobrava de tempo alcançava para você.

Que, no fundo, eu queria ficar a sós com a minha mulher da época.

Não é verdade, mas tampouco é mentira.

Eu me esgotei em minhas relações. Assim que terminei um casamento de treze anos, o mais estável e equilibrado, não reeditei a continuidade harmoniosa de um casamento. Foram mais três companhias. Como não funcionava, brigava demais, desesperava-me demais, angustiava-me demais. Não oferecia nem a mim mesmo uma atmosfera sadia e pacífica para então oferecer a você. Assumo o pecado da minha absurda irritação. Resumia, não tinha paciência para ouvir suas versões e suas perguntas intermináveis.

Falhei ao lhe chamar para morar comigo quando eu estava na casa da vó.

O apartamento demorou a ser comprado. Aceitei financiar um espaço com seu quarto dividido com o irmão. Um disparate para uma adolescente.

Deveria ter recusado a oferta e perseguido uma casa maior, para preservar a sua privacidade.

Minha paternidade sempre foi dar um jeitinho. Concordo que não levei você como minha exclusividade, minha prioridade, por assumir tudo ao mesmo tempo com minha fome centralizadora: da minha atribulada vida

amorosa e da minha concorrida vida profissional, com palestras e viagens e realização do maior número de trabalhos para pagar as dívidas.

Eu peço desculpa, Mariana. Você nunca esteve verdadeiramente comigo para desejar ir embora.

# MENSAGEM DE MARIANA AOS 13 ANOS

*Fabrício Carpinejar é o meu pai. É escritor. Mas não se atreveu, em nenhum livro publicado, a falar coisas que não pretende revelar para ninguém. Parece que essa tarefa (intrigante) sobra para os filhos. Ou melhor, para a filha mais velha. No caso, meu único irmão, Vicente, só tem quatro anos: ele ainda não sabe escrever.*

*O essencial da vida íntima de Carpinejar: muito além de palestras e piadas da hora. Muito além dos olhos alheios. Dos livros. Do que a realidade do dia a dia pode mostrar. Histórias abstratas e realidades fatais serão lembradas.*

*O que é esquecido não deixou de ter existido. E pode causar impacto quando comentado novamente. Por trás das poesias está o espanto, a alegria. A aurora da infância. Os vultos de risos distantes. As coisas que nascem na base de primeiras vezes. Poesia é só um esconderijo. Um casaco potente no frio arrasador de inverno. Um abismo de memórias mortas.*

## TANTOS, POUCO

Não há amor que possa ser mais insistente do que o seu.

Terminou comigo várias vezes, voltou para mim várias vezes. Vulcão adormecido, aguardando uma devastação definitiva.

Você sempre teve a ânsia de me revelar, de me traduzir, de me explicar.

Como se eu fosse um escrevendo e outro vivendo.

Sempre vivi o que escrevi. Nunca descansei a mão sobre o papel.

Esta será sua grande decepção: não existe um Fabrício diferente. Vai procurar e cansar de procurar e só achará o mesmo pai que escolheu ser amigo quando tinha que ser pai e foi pai quando tinha que ser amigo.

Restará se contentar com a minha pobreza de carne e osso.

Pareço mais porque venho de sua imaginação. Porque é mais confortável supor que existem Fabrícios a serem descobertos, vá que um seja do seu gosto, do seu agrado.

Seu ódio é achar que escondo algo. Não sou fundo assim, profundo assim, enigmático assim.

Quando me olha, já parte para decifrar o que estou pensando, o que estou fazendo, o que estou decidindo.

Faço até pose pensativa para transmitir distância. Mas estou apenas retribuindo o seu olhar.

Se você gritar, eu grito junto.

Se você rir, eu estarei rindo junto.

Se você chorar, estarei chorando junto.

Um pai precisaria perguntar o que está acontecendo, eu aconteço junto.

## MENSAGEM DE MARIANA AOS 13 ANOS

*Não posso contrariar que o meu pai é muito criativo para recriar os filhos. Na minha infância, Fabrício criou diversos “personagens”. Os tais tratam-se de interpretações que meu pai fazia comigo: ele virava outras pessoas animadas. Virava seres temáticos, com o objetivo de me ensinar alguma coisa.*

*O personagem Professor Caramujo foi a maior meta para a minha alfabetização. Fabrício colocava um certo agasalho cinza com capuz. Quando o capuz estava sobre a sua cabeça, o homem que estava lá dentro não era mais meu pai: era o Professor Caramujo. Lembro-me da alegria dos ditados realizados: “de tão bons”, era colada uma estrelinha de nota 10. Meu colega foi meu boneco. Como ele era imóvel, sempre ganhava “bordoadas de Caramujo”, por não escrever direito.*

*Dentre os outros personagens, estão:*

*Cochicho: para eu falar mais alto (sem cochichar); Quebra-Osso: para eu abraçar sem apertar as pessoas (o personagem abraçava muito forte); Sapato-de-Gente: me levava para a cama; Alérgico: o personagem fazia muita besteira na escola, a cada besteira ficava com mais alergia.*

*De tantos personagens, esses cinco que eu me lembro foram menos que a metade dos que existiram. Só que o interessante é que meu pai só criou uns dois personagens para meu irmão de quatro anos, Vicente. Só. E depois de uns dois meses de existência, os personagens de Vico nunca mais apareceram. Por que Fabrício não permitiu ao seu outro filho a possibilidade de aprender de um modo tão criativo? Por que só eu tive personagens permanentes quando pequena? Por que os direitos dos irmãos não foram iguais?*

*Essas perguntas podem ser respondidas de dois jeitos. Poeticamente, Carpinejar parou pelo medo de virar um homem-personagem na vida dos filhos em vez de pai. Mas concretamente, e na minha opinião, o ato foi pura preguiça.*

## SAUDADE, ESCRITOS

É um golpe baixo, estou usando a literatura para conseguir suas desculpas. Para se sensibilizar. Não significa que mudei. Nunca fui diferente.

Mas a literatura ainda é meu amor por você, somos nós, sempre foi o nosso jeito de dar um recado sem que as demais pessoas na sala entendessem.

Nosso código morse. Nosso telegrama de dedos. Nossa mímica. Nosso telefone sem fio.

Você faz perguntas estranhas. Tão eu, tão você. Você começa conversas estranhas. Tão eu, tão você.

Você repara em coisas estranhas. Tão eu, tão você. Somos loucos, menos para mim e para você.

Metade da minha literatura foi feita de saudade. Metade do que escrevi foi para convencer que estava aqui sofrendo por não estar inteiro.

E somente estaria inteiro com sua companhia.

Todo pai é personagem de seu filho.

Eu sou seu personagem. Quem está me escrevendo é você. Não sou eu.

# MENSAGEM DE MARIANA AOS 12 ANOS

*Oi pai. Sinceramente, estou, depois de 12 anos, te dando outro “oi” para ti. Mas esse não deve ser considerado um “oi” comum. Esse “oi” deve ser simbólico. Tão simbólico que você anos depois de agora vai se lembrar do e-mail louco sobre “ois” que a tua filha te mandou com 12 anos de idade!*

*Um “oi” como esse deve representar anos de convivência. Um “oi” como esse deve representar resistência. Um “oi” como esse deve representar a importância de cada bola posta no telhado. Um “oi” como esse deve representar cada noite em que tu teve oportunidade de me dar um beijo. Um oi como esse deve representar o descobrimento do amor. Um “oi” como esse pode representar aglomerações eternas em seu pensamento, mas, contudo, representará em nossas vidas...*

# TCHAU, OI

Oi Mariana, você fala oi como eu. Oi quando entra na sala, mesmo depois de ter cumprimentado.

Oi para atender o telefone, oi quando não escuta algo e pede para repetir, oi para espanto e assombro, oi para surpresa, oi para aparecer de repente, oi para mostrar uma roupa que acabou de comprar.

Como se fosse uma exclamação. Uma interrogação.

Você é mais viciada no oi do que no tchau. Não nasceu para despedidas, mas para chegadas.

Não percebe sua vocação para reiniciar amizades. Tem mais desenvoltura para reiniciar do que fazer amizades.

Estoura, explode, e não aguenta sem voltar.

Seu tempo de ressentimento não é longo. Cansa dos assuntos das brigas.

Você perdoa por facilidades, por bobagens. Eu é que espero algo grandioso para lhe oferecer em troca de sua anistia, quando poderia ser um buquê em sua casa ou apenas apertar seu interfone por saudade.

Quando brigamos, temos a ambição da retratação, de consertar o erro de modo irretocável. Até para nos desculpar, buscamos impressionar.





O arrependimento não depende de heroísmo, mas da simplicidade. Somente expressar o que sente. Como estou fazendo agora.

Não, não estou fazendo, vê como é complicado? Estou escrevendo um livro, quando poderia apenas alcançar um bilhete.

## MENSAGEM DE MARIANA AOS 13 ANOS

*Não é a toa que você disse um dia desses para mim que o escritor não consegue escrever das lembranças e da criatividade juntas, tem que escolher uma delas. Você disse que quando o escritor já é adulto, ele precisa escolher ou a criatividade ou as lembranças. O escritor, na maioria das vezes, “não consegue ter as duas coisas”.*

*E pelo visto, para a tua pessoa, é visível esta teoria. Você afirmou no teu e-mail o seguinte:*

*“já soltaste uma vez pipa comigo – quando era pequena, mas a pipa rastejava com o nordestão da praia. e ficou enrolada em um poste, sem jeito de descer.”*

*Pai, você recontou a história TODA ERRADA!!! Foi assim: a gente comprou a pipa, eu fiquei com ela por uns cinco minutinhos (só). Aí, ela se enroscou em outra pipa, ficou sem controle sob o ar e acabou caindo no mar.*

*De onde um poste (!!!) pode ficar no meio da praia onde as pessoas se acomodam e tomam banho de mar? Os postes ficam nas ruas, não na areia branca perto do mar.*

*Mas, pelo visto, no seu pensamento, os cachorros é que andam mijando nos postes...*

*Realmente, você é um escritor à base da criatividade, porque a sua memória está parecendo um ônibus lotado!*

*Eu, no entanto, me lembrei do fato e de sua teoria, ambos foram acontecimentos de muito tempo atrás.*

*Bjs, tchau*





# VERDADES, PRESSENTIMENTO

Se eu colecionava mentiras, você colecionava as minhas verdades.  
Estão todas em suas evocações. Uma conta fantasma.  
Nunca contei a história como pretendia. É impossível, meu amor.  
Eu já me entusiasmava com seus olhos abertos, com sua atenção, e exagerava.

Quis tanto lhe impressionar que extraviei o caminho da verdade. Eu me distanciei demais da verdade.

E me perguntava, com sua ingenuidade, com seus lábios respirando pelo nariz: – É verdade, pai?

Respondia que sim, porque se fosse mentira não teria sua plateia.

Preenchi a paternidade com a imaginação do escritor.

Você viu que eu era engraçado, carismático, falante, atraente, mas não era real.

Não era honesto.

Todos me amavam pela minha imaginação, você buscava me amar pela minha memória.

Mas nem minha memória era minha, era também criada para agradar aos leitores.

O ônibus das palavras vinha lotado. E você reclamando de que não guardei seu lugar, não protegi nossas recordações.

Implicava comigo, implicava que enfeitava a realidade, que não usava a crueza das situações. Tem razão.

Eu apenas inventava para me tornar melhor do que sou. A imaginação é a repescagem dos covardes.

Deveria ter segurança para apontar o que acontecia e o que gostaria que acontecesse, separar um do outro, fundamentar o cotidiano.

Só que não.

Provoquei seu medo de convivência, seu horror por salas lotadas, por trabalhar e estudar.

Pois seu pai não apresentava raízes. Seu pai alado. Seu pai circense. Seu pai flanando interminavelmente. Seu pai sem coleira e sem âncora. Seu pai flutuante, de amores ciganos.

Você leva uma vida influenciada pela minha vida, ora pela atração, ora pela negação.

Às vezes, é minha mais clara oposição.

Por que você é tão crítica? Por que é tão exigente? Pensou?

Seu perfeccionismo anula a realização. Encontra defeito antes de fazer. Pensa que não vale a pena profissionalizar a sua criatividade, não vale a pena ser como eu. Mentir como eu. Fugir das dificuldades como eu.

Não mostra suas canções (jamais estão prontas), não mostra suas fotografias (jamais estão prontas), não mostra seus diários, pois não se assume escritora.

É uma artista da gaveta. Uma artista guardada.

Você aguarda minha aprovação, que eu professe amém? Ou será que crê que a criatividade apagaria sua memória? Teme ser uma desmemoriada como seu pai e luta, secretamente, para ser discreta e leal aos acontecimentos?

É uma possibilidade.

Já, outras vezes, você é minha mais profunda adesão. E me segue com admiração irrestrita, o que também não é bom.

Talvez não seja o seu caminho. Lembre que as nossas pandorgas – com desejo de planar alto – acabaram se abraçando no ar e caindo.

Talvez você seja um pião. Talvez seja cinco marias. Talvez seu lugar seja o chão, a firmeza das ideias.

Não desperdice sua energia me enfrentando, porque não sou uma fortaleza. E não me imite porque não sei o que sou. Não encarno um exemplo, pareço-me como uma dúvida voando.

E acho que, numa retrospectiva mais minuciosa, o problema não era nem o que inventava, era que não inventávamos juntos.

Toda lembrança é quando os dois inventam ao mesmo tempo. E se inventam ao mesmo tempo.

## MENSAGEM DE MARIANA AOS 15 ANOS

*Pai, descobri uma coisa muito preocupante e preciso te contar. Cheguei a um consenso de que tu és a única pessoa próxima capaz de compreender o desespero de uma artista nestas condições. Sei que essas linhas iniciais podem virar facilmente motivo de boas gargalhadas, já que tu sabes que é de meu costume dramatizar. EU MESMA estou me sentindo a paranoica top-score. Não é pra menos. Logo aviso que não se trata de mais uma hipocondria; não é o caso de inventar dores imaginárias para se autoconfirmar, minha especialidade até então.*

*Bom, como todos já sabem e concordam entre si, eu faço letra bem melhor que melodia.*

*O desnível é evidente. Pois bem, eu teria que me conformar, aceitar que cada artista tem talentos em áreas diferentes sem me menosprezar por isso, e canalizar o meu potencial dispensando crises existenciais desnecessárias. Me conformar sem desistir, desenvolver a melodia o melhor possível, sabendo que esta é minha fragilidade. É isso que no geral recomendam, é esta a <escala do êxito>, disciplinar-se para o sucesso e todos esses blábláblás de realização e aceitação própria. Eu o faria, caso a primeira linha do parágrafo fosse VERDADE.*

*Aí está o primeiro equívoco: eu não faço letra melhor que melodia. Aos 15 anos, descubro que não conheço nem metade do que sou. A minha inspiração se dá de noite, quando estou dormindo. Quando não faço nem ideia do que está acontecendo. De dia, faço letras boas, mas a música em si não. Sinto uma espécie de trava, seguida de desvalia. Fico presa aos sons que já conheço. Apego-me sordidamente ao que já fiz e, encabulada pela matriz inicial, não*

*consigo seguir em frente com originalidade. De noite, tudo se revela, tudo se desprende.*

*Componho com criatividade extrema, derrubo todos os parâmetros que já havia atingido. Não reconheço a mim mesma, é um som muito diferente, é irreverente como um todo, nada linear como as minhas músicas de praxe. Uma perfeita frequência. Não adianta ser modesta agora, a música fica boa mesmo, delira. O estilo é bem similar àquelas bandas de rock pioneiras. Descrevendo isso agora pra ti, pai, parece que estou fantasiando demais, me gabando demais, me pirando demais. Literalmente, não posso dizer que não é um sonho, mas tenho certeza que não é ilusão; posso sentir o impulso elétrico, a rigidez do aço, a textura do som. É muito nítido para duvidar, é muito maior que eu para contar a alguém.*

*Eu sofro de sonambulismo musical. E isso seria muito belo e romântico, se não fosse pelo fato de que eu esqueço tudo quando acordo. Eu perco as composições!*

*Daí vem a pergunta: se eu não me lembro de nada, como posso estar te falando todas essas coisas? Explico. Sabe quando a gente fica naquele estado de recém estar entrando no sono? E se acorda por qualquer coisinha? Nessas despertadas instantâneas, a música ainda está comigo. Mas nunca consigo registrá-la. A pequena parte que não se dispersa da cabeça eu não tenho entendimentos instrumentais suficientes para efetivá-la. Numa tentativa desgraçada de emití-la através das cordas vocais no gravador do celular, fica uma confusão distorcida tão grande que eu não entendo BULHUFAS de manhã, quando pego para ouvir.*

*Se nessas despertadas instantâneas eu já consigo ter uma noção mínima de como a música tem qualidade, imagina então o que é a noite inteira de criação, a parte que eu me esqueço totalmente. É como se meu universo fosse tão vasto que não coubesse dentro de mim. Um gênio embutido que repulsa a lucidez do corpo. Eu estou maravilhada, na mesma medida em que morro a cada manhã. Me encanto com a ideia de ter algo a mais. Acredito que no futuro serão criados gravadores que fazem a leitura dos sonhos por meio de captadores de impulsos elétricos dos neurônios. Hoje, não sei o que fazer. E*

*mais uma vez, pai, sigo pelo caminho mais difícil. E como gosto disso, e como odeio, “é como amo o que odeio”, como tu diz.*

*Há anos estou tendo sinais desse dom noturno. Só hoje cheguei a conclusões plausíveis, então decidi te contar. Por fim, devo dizer que esse texto não está bem escrito como pretendia, poderia tê-lo feito melhor. Ahh, se eu estivesse dormindo...*

# SONHOS, ESQUECIMENTO

Mariana, não sei se conhece a história do poeta inglês Samuel Taylor Coleridge. Ele acordou eufórico, depois de um fantástico sonho (possivelmente induzido pelo ópio). Pegou caneta e papel e começou a descrever sua visão, que é um dos textos mais famosos da língua inglesa, sobre o imperador Kubla Khan. Anotou 54 versos sem parar, até que foi interrompido pela campainha. Era o alfaiate. Atendeu e se distraiu com a conversa e não lembrou mais o resto de seu sonho. A inspiração sumiu, extraviou a continuidade dos tons e vozes. O poema nunca foi concluído.

Na bebedeira ou na angústia do amor, acontece um processo semelhante. Tudo sentimos na hora, tudo concluímos, mas fracassamos ao expor os nossos motivos.

É uma sensação de poder, não é propriamente um poder. É um estado de euforia, não é real. É uma sabedoria passageira, mas não significa que estamos mais inteligentes.

Conservamos a sensação de que sonhando somos melhores. Minha filha, sonhando somos apenas menos piores. Escolhemos o que podemos ser.

Sua hipocondria é também uma forma de sonhar. Adota restrições e incorpora sintomas e efeitos colaterais para se declarar fundamental.

Inventar a dor é escolher o que deseja sofrer para não sofrer de verdade com o que realmente sofre.

Adoecida, não precisa viver e prestar satisfação, como se estivesse sonhando.

Há uma soberba do sonho – um canal direto com a inspiração. E há também uma soberba do sofrimento – quem sofre acha sempre que sofreu mais do que todos.

Além disso, você acredita que seu sonho e seu sofrimento são menosprezados quando comunicados. Nunca consegue expressar suas dores ou explicar direito o que sonhou. Ao tentar reproduzir o sofrimento ou um sonho, sofre de novo na linguagem, supondo que ninguém capta o tamanho de sua sensibilidade, o tamanho de seus pensamentos, o tamanho de seus tormentos.

No fundo, é a mesma coisa. Ao conversar com um médico sobre o que sente ou ao descrever o que produziu dormindo, faltam palavras.

*“É muito maior que eu para contar a alguém.”*

A solidão do sonho e a solidão da doença são iguais, caracterizadas pelo ruído e insatisfação.

Parece que tem algo lá no fundo que não vem à tona. O que explica o isolamento, já que ninguém me entende.

Sonhar demais é adoecer, assim como adoecer é sonhar demais.

Nós não temos uma herança, mas uma desgraça em nosso sangue.

Poderia dizer para você tudo o que lhe fiz de bom, que é a mania de nossa família. Triste mania de enumerar grandezas para embaçar os tropeços. Conservo uma poupança de anjos para depois cobrar nas horas endividadadas.

Não apresento uma vida normal e mediana, com altos e baixos, mas uma linha de tempo no Facebook só com meus altos.

Tenho um caderninho de fiado. Um caderninho de autoelogio para me salvar quando vacilo.

Vai me xingar e já retiro da lista que lhe cuidei nos dois primeiros anos, que ensinei você a ler e a escrever, que sofri alienação parental...

Ataco para me defender. Acuso para não expor as minhas fragilidades.

De repente, está me advertindo para algo que posso corrigir facilmente, avisando do costume de meus atrasos em nossos encontros, mas já tacho sua observação como ingratidão.

Como que pode falar mal de mim depois de todo o meu sacrifício por você?

E é extravagante conversar comigo. Pois peço reconhecimento postumamente, quando o assunto está encerrado e já estamos em um novo

tema e situação.

Minha bondade não é espontânea, é premeditada, é um crédito para futuros descontos.

Minha mãe é perita nisso. Sou seu discípulo.

Jogamos na cara tudo o que acertamos no passado para enfrentar as críticas do momento.

Desarmamos as críticas pesquisando os nossos antecedentes.

Procuramos um escudo, não deixamos ninguém falar, ninguém reclamar, a gente se julga atacado na primeira contrariedade, levamos sempre para o lado pessoal, não amadurecemos, nos defendemos incessantemente.

Não ouvimos, retrucamos. Experimentamos um sonambulismo musical. É cansativo não descansar, não relaxar, não depor as armas.

Eu estou exausto desse recurso. Por que não aceito que alguém possa me melhorar? Só aceito o que descubro de mim, nunca o que os outros apontam.

Eu também esqueço tudo quando acordo.

# MENSAGEM DE MARIANA AOS 16 ANOS

*Pai, por favor, responde logo. Eu estou ficando com anomalia estática. Eu só preciso das respostas, depois paro de encher. Prometo que depois que tudo se resolver eu paro de encher, fico sem te ligar por 1 mês, eu sumo, resolvo a minha vida (hohoho). Que tal? Um pacto de mãe Diná, só que, ao invés de devolver o amor em 3 dias, eu faço baixar milagrosamente a conta de telefone.*

# MÚSICAS, INVEJA

Você me alcançou uma missão: buscar sua guitarra em Brasília (DF), no apartamento de sua mãe. Eu teria uma palestra na capital federal e recuperaria seu instrumento, item que faltava da mudança de quando veio morar comigo em Porto Alegre (RS).

Eu fiquei entusiasmado. Era um gesto de confiança. Era a demonstração concreta de cuidado. Um esforço que traria seu agradecimento.

Lembro que não arrisquei, não esperei o dia seguinte, para não sofrer contratempos e apertos profissionais. Não poderia adiar. Desci do aeroporto direto ao apartamento de sua mãe.

Não me preocupei com mais nada. Era trazer de volta. Fácil, fácil.

Dormi no hotel com a guitarra ocupando o lado direito da cama. Não desejava me afastar dela. Dei boa-noite para a guitarra como se fosse você.

“Dorme com os anjos e pede para passarem em meu sonho também” – repeti nossa senha, nossa reza.

Tomei café da manhã com sua guitarra. Olhava nos olhos da guitarra, no fundo do bojo, na íris escura e castanha. Conversava com a guitarra. Mexia em suas cordas, como se fossem seus cabelos. Seus cabelos cantavam com o vento, idênticos aos cabelos sonoros da guitarra.

Você fazia o favor de me convidar a participar indiretamente de sua música. Eu me tornava guardião daquilo que mais amava, zelador de suas composições.

Não tem ideia da alegria quando desembarquei carregando o estojo. O orgulho paterno. Ria de satisfação, imaginando seu grito e seus pulos na entrega.

Balançava o instrumento suavemente, como um bebê no balanço de uma praça. Eu e você e mais ninguém.

Ao arrumar o espaço do bagageiro do carro, apoiei a guitarra nas grades do estacionamento. Ajeitei as malas disposto a garantir espaço.

Não achava o bilhete do estacionamento. Suei frio, onde coloquei? Tinha caído no chão, preso debaixo da roda.

Suspirei aliviado, entrei no carro e segui viagem para a nossa casa.

Quando entrei em nossa garagem, ao tirar a bagagem, não localizava a guitarra. Cadê a guitarra?

Deixei encostada na grade do estacionamento.

Voltei correndo, mas não estava mais lá. Alguém furtou. Não havia sido entregue nos achados e perdidos do aeroporto. Nenhum guarda viu.

Não há como me perdoar. Eu relaxei ao pousar em Porto Alegre, com a certeza do assunto resolvido. Fiz tudo certo, mas vacilei na última hora.

Até hoje reconstituo a minha movimentação naquela manhã. Cada um de meus passos. Vejo que temos uma câmera dentro da gente, que podemos acessar quando estamos com medo.

Para aumentar a desolação, quando confessei que perdi sua guitarra, não comprou briga. O que mais dói é a ternura quando há a expectativa da revolta.

Você foi educada comigo, não esperneou, não me ofendeu. Fingiu que não era importante. Engoliu o desgosto.

– Não tem problema, pai!

Como que esqueci? É incompreensível minha burrice.

Desconfio que o extravio significou inveja. Pura e desgraçada inveja.

Invejava a guitarra, ela esteve mais tempo ao seu lado do que eu. Ela sabia mais de suas mãos do que eu. Ela traduzia mais suas emoções do que eu.

A guitarra era sua confidente, sua grande amiga. Trancava-se no quarto com ela, convertendo seus segredos em música. Nem saía para almoçar.





Não me permitia entrar. A porta fechada: você e a guitarra se misturando, a ponto de não identificar quem era quem. Não havia buraco da fechadura para espiar sua intimidade com as melodias. A chave bloqueava a visão.

Fracassei na missão, minha filha. Você não queria apenas que eu trouxesse a guitarra, ofereceu-me a chance – entre tantas – de resgatar a paternidade.

# MENSAGEM DE MARIANA AOS 15 ANOS

*Se você ganhasse um passaporte para o centro da terra, o que não poderia faltar no seu kit de viagem?*

*Eu respondo de forma bem cristã: miolo de pão e polpa de uva.*

## PALAVRA, LUGARES

Como você escrevia difícil desde cedo.

Ciscava palavras permanentes, não provisórias. Dói hoje reconhecer seu esforço para falar comigo.

Havia um peso em cada vocábulo. Deveria demorar a mandar cada mensagem. Levava horas levantando a cabeça, baixando a cabeça, corrigindo, eliminando parágrafos, repondo opiniões.

Sinto sua hesitação ao me responder ou me avisar de qualquer coisa. Não há um e-mail banal, um bilhete banal, um *até logo* banal.

Não tinha medo de não ser compreendida, tinha medo de não ser fundamental. Tinha medo de perder seu pai com uma frase desajeitada. Gastou a sua energia tentando me impressionar, angustiada em resolver a equação de nossa distância com o dicionário.

Na praia, também se demorava na prancha. Deitava com o peito e seguia o vaivém das ondas na beira sem jamais entrar no fundo. Sem jamais largar seu posto de observação do mar.

Escolhia um local e não modificava um centímetro de sua vigília.

A prancha, os textos, os livros. Uma dedicação estranha e obsessiva.

De onde vinha seu pânico de errar? Será que fui muito duro? Será que fui muito exigente? Será que me escondi na autoridade de meus livros?

E se armou de reservas e cautelas.

Há minha curiosidade em descobrir o que apagou, o que não falou, o que rejeitou.

Porque nunca foi simples comigo. Nunca foi direta.

Suas palavras eram adultas demais para uma menina ou uma adolescente.

Suas palavras envelheceram antes de amadurecer.

Suas palavras são avós de nossas lembranças.

Prendia-se a um detalhe, a um duplo sentido, e não arredava o pé. Assim é você. Não sai do lugar até entender tudo. Até encontrar a paz da compreensão.

Não avançava nas leituras se não resolvesse os sentidos de uma expressão. Os sentidos inteiros.

Argumentava, em defesa, que uma palavra poderia mudar a história e estaria lendo errado.

Não há como ler errado, minha filha. Há como ler diferente, eu respondia. E poderia passar por várias leituras ao longo da vida e nenhuma seria à toa.

Mas não conseguia convencê-la.

Farejo, pressinto outra explicação para o receio de me escrever.

Sou sua palavra errada que não aparecia. Você estava me protegendo de você mesma. Para não expor o que realmente latejava em seus dedos longos e finos: o quanto se decepcionou comigo.

Ou se encheu de rigor e disciplina, para combater a minha constante desatenção. Pois tinha certeza que eu lhe amava, mas amava muito desorganizado. Amava esporádico e solto e você construía uma ordem para explicar os nossos sentimentos. Eu bagunçava o quarto de seu coração e você arrumava para mim o quarto de seu coração.

Não, não é isso. Desconfiava do telefone sem fio. Buscava se antecipar à minha interpretação. Garantir a minha correta e bem-intencionada interpretação. Que a mensagem fosse íntegra e entregue mais fidedigna possível. Que eu a recebesse intacta. Longe dos intermediários. Longe de sua mãe gritando e me acusando ao fundo da memória.

Nem era uma preocupação com as mágoas. Dedicava-se às mínimas vírgulas para não gerar sobreposições, interferências e versões falsas. Tirava as pessoas e sombras entre nós. Protetora dos sons das letras, investia o máximo de zelo para que não ouvisse torto, não entendesse torto.

Você escrevia com os meus olhos.

*Não há nada a fazer*

# LETRA DE MARIANA AOS 12 ANOS

*Não gosto de pensar assim  
É melhor agir em vão  
Do que apenas desistir  
(Você pode escolher)*

*Aonde vão chegar?  
O que pode acontecer?*

*Não dá mais pra acreditar  
No que dizem por dizer  
Ninguém vai me enganar  
Só pra conseguir poder*

*Aonde vão chegar?  
O que pode acontecer?*

*Não falamos com estranhos  
De onde vem todo esse mal  
Que tememos tanto?  
Aonde vou chegar?*

*O que pode acontecer?  
Aonde vamos chegar?  
O que pode acontecer?*

*Tenho medo de tentar para não resolver*  
*Tenho medo de acertar e ninguém querer*  
*Tenho medo que meu medo me impeça de tentar*  
*Tenho medo de mim e de você*





## DESEJOS, DESPEJO

Eu lhe mostrei que o açúcar estava cheio de formigas, e pedi um instante para limpar.

Interrompi o café da manhã para ajeitar antes de adoçar seu suco de laranja.

Você, com seus cinco anos, carregada de compreensão da urgência, parou a mordida na torrada e prometeu que me ajudaria. E sumiu para o terraço.

– Aonde vai?, perguntei, reagindo à sua atitude intempestiva.

Não respondeu. E eu não pretendia brigar.

Armado da paciência de colherinha, pinçava os intrusos dos torrões brancos.

Quando vejo, volta com um saco de supermercado.

Colheu formigas na floreira e despejou uma dezena delas no açucareiro.

– Mas, Mari, era para tirar as formigas, não colocar mais!

– Pai, tem açúcar suficiente para nós e ainda para dividir com todas as formigas da casa.

Desde cedo, motivada a ceder lugar. A somar. A formar família. A juntar os outros no açúcar ou no sal da rotina.

Mas poucos partilharam da solidão de seu raciocínio.

Faz muitas perguntas, e as pessoas ficam desconfiadas: aonde ela pretende chegar?

As pessoas apenas respondem se têm certeza do destino da conversa. Não embarcam em dúvidas gratuitas e papos despreziosos. Não desperdiçam a intimidade com o que soa estranho.

Você deve ter sofrido muito com o isolamento e a incompreensão. Quase desistiu de conversar.

Seus erros foram subestimados. Seus acertos foram anônimos. Não atraiu a atenção da advertência ou o aplauso da sensibilidade.

Sofreu várias vezes como primogênita de seu pai e de sua mãe. A filha que abre as portas e que ninguém ajuda para fechá-las.

Sofreu para manter o seu espaço e para recuperar o seu espaço com o nascimento dos irmãos.

Não teve o sossego e a segurança dos irmãos pequenos, frutos de relacionamentos posteriores.

Só viu seus irmãos morando com pai e mãe. Não lembra de ter pai e mãe junto. Ia de casa em casa, com o quarto emprestado, com a cama improvisada, com gavetas desafogadas.

Como se morasse em hotel e acampamento o tempo inteiro. Com a mochila nas costas e a mala por desfazer.

Sofreu para conquistar os pais e ainda tinha que garantir sua fisionomia aos irmãos – eles não poderiam esquecê-la, esquecer que você existia.

Todo encontro, apesar de vários anos convivendo, era uma reapresentação a eles: – Olha sua irmã!

Respirava, aliviada, diante do riso. Se os irmãos choravam, apertava suas pálpebras de angústia e confirmava a rejeição.

Os laços familiares estavam contaminados de amnésia.

Alguém ocupava o seu sonho, ocupava o seu quarto, ocupava o seu sobrenome. E nem poderia gritar de ciúme e inveja. Pois era inadmissível e horrível concorrer com os manos.

E, apesar dos conflitos, você insistindo desde cedo a pôr mais formigas no açúcar, a adicionar multidões enquanto os seus parentes exigiam que fosse menos.

Cometi graves leituras de seu comportamento. Não cuidei de suas cicatrizes.

Seu exagero de questionamento surgia da necessidade reprimida de falar e de ser olhada. Carência jamais suprida. Carência adiada.

Depois que casou e foi morar com Rafael, manteve parte das roupas e sapatos em meu apartamento, blusões e casacos de inverno, cadernos e

material antigo, pastas de recortes e livros. Não havia espaço em seu novo cantinho.

Cismeiei que levasse tudo, que me enxergava só como depósito, garagem, ferro-velho.

Não estava sendo sincero. A discussão fora motivada pela mulher, interessada em ocupar os armários.

Não desmascarei as reais intenções, não entendi o que estava acontecendo, não discordei dela, não impus a minha personalidade nem enfrentei a dissidência amorosa.

Novamente, eu lhe traí para favorecer a esposa da hora.

No cabo de força das palavras, fraquejava, largava a corda de nosso lado e caíamos.

O recado era explícito: procurava deixar algo em nossa casa se precisasse voltar. Ou, pelo menos, gostaria que eu dissesse que sempre poderia retornar, para ter a tranquilidade de errar e pedir abrigo em qualquer desavença.

Retirei o conforto da esperança. Despejei, simbolicamente, você de minha vida.

Além das formigas, eu tirava o açúcar de nossa relação.

Não fui um bom pai em alguns momentos. Devo admitir. Por mais que doa e seja insuportável reconhecer diante de tanto amor por você. Não fui um bom pai em alguns momentos.

# LETRA DE MARIANA AOS 14 ANOS

*Quem sabe um dia possamos conversar  
Brindando à vida em uma mesa de jantar  
Guardando o ontem  
Brigando o amanhã  
Há um gole do hoje  
Pra sempre noite*

*Não invente desculpas pra fugir  
Você não precisa mentir  
Vamos hoje nos divertir  
Agora...  
Pra sempre...  
Pra sempre noite*

*Falando bonito para te conquistar  
Olhando escrito para te decifrar  
Contando estrelas até o dedo enrugar  
O tempo passa aos goles  
Deixe o tempo passar!*

*Não invente desculpas pra fugir  
Você não precisa mentir  
Vamos hoje nos divertir  
Agora...*

*Pra sempre...*

*Pra sempre noite*

## PORTAS, JANELA

No momento em que se machucava na infância, Mariana, para impedir as suas lágrimas, eu culpava os móveis. Bastava começar o pranto, que eu a pegava no colo e xingava os objetos. Que pai e que mãe não fez igual?

Se você batia a cabeça na porta, gritava com a porta: – Porta burra!

Ainda esmurrava a madeira para que ela aprendesse a não lhe machucar.

Se você tropeçava na mesa, repetia o gesto:

– Mesa boba!

E o tapete era idiota, o sofá era mau, as cadeiras eram trouxas.

Não percebia o que transmitia. Criei uma escola de perseguição.

Repassei adiante que você era desamada pela própria residência. Tudo o que estava dentro do lar exibia o propósito perigoso de trapacear. Deveria se esquivar, tomar cuidado.

Morar não inspirava confiança.

Além da insegurança permanente, você não interpretava a queda como resultado de seu próprio passo, o que seria mais justo e coerente. Para andar firme. Para reparar nos caminhos.

Amadureceria com a consciência de sua fragilidade.

Mas eu ajudava a isentar sua responsabilidade pelos acidentes. Os tropeços não eram seus, mas um ataque dos obstáculos.

O que lhe estimulou a reagir com resistência a qualquer frustração. Culpa o outro por algo que aconteceu, ou culpa a si mesma por algum desentendimento.

Acobertei o seu complexo de inferioridade. Não abandonou a lógica infantil.

Você sofre o dobro com as reações adversas. Você chora quando decepciona alguém mais do que quando é decepcionada. E evita conviver para não correr riscos.

Você se ausenta diante dos problemas. Entra em pânico. Desaparece por dentro.

Quando derrubou café no teclado de meu computador e me viu calmo, desandou a chorar.

Não gritei, não censurei, comentei a normalidade do esbarrão. Anteriormente, eu já havia derrubado xícaras.

Mas chorava sem parar. Com o rosto purpurinado de raiva e vergonha.

Não se perdoava por não ter o controle da realidade.

As coisas continuavam lhe batendo. Provando que você não sabia se defender.

Em vez de jogar a culpa em fatores externos e negar a realidade na infância, deveria ter simplesmente beijado seu machucado. E provar que o problema era seu e meu, o problema era nosso, como agora.

Inclino os meus lábios, um pouco atrasado, em seus hematomas.

O beijo cura.

# LETRA DE MARIANA AOS 15 ANOS

*Já faz tanto tempo  
E agora eu sou criança  
Quebrei o vidro da janela  
Jogando bola com o meu irmão  
Desenho demônios em nuvens  
Abano pro avião  
Nem preciso contar até dez  
Pra que as pessoas se escondam*

*Onde está meu mundo?  
Onde está meu mundo?  
Onde está meu mundo?  
Onde está meu mundo?  
Ah, cadê meu mundo?*

*Talvez ele não seja mais tão meu  
Sou uma má garota  
Ainda não sei dividir*

## FRAÇÕES, FAMÍLIA

Você sempre fazia perguntas à queima-roupa de um brinquedo, onde ficou e se havíamos jogado fora.

Do nada, no meio de uma conversa. Testando minha sinceridade, talvez.

Quando respondia que estava no apartamento do irmão ou no casarão da avó, já arrumava uma expedição de busca para salvar a infância.

Perdia semanas procurando no porão, lavanderia, armários. Não suspirava até achar ou lamentar a perda definitiva.

Você tinha a necessidade de confirmar seu passado, comprovar que suas recordações eram reais, voltar ao que foi e recuperar o instante exato em que perdeu a fé em mim.

Como alguém que não localiza seu documento de identidade mexia em caixas e caixas para contentar o medo.

Só precisava olhar, tocar no boneco, e devolvia ao pó. Não pegava de volta, não limpava. Uma trabalhadora para apenas ver, de relance, e jogar rapidamente ao escuro dos costumes.

De tanto recuar, você não andava para frente.





Viveu como cigana, seguindo as várias mudanças de sua mãe.

Não centralizou a sua vida. Sua vida não está em um único lugar para lhe trazer alívio. Tenho a metade dos seus álbuns; sua mãe, a outra. O que ansiava numa casa estava noutra.

Montava o imenso quebra-cabeça de sua memória no tapete, para descobrir ao final que carecia de peças.

Experimentava a sensação constante de que lhe faltava algo. De ser furtada pela própria família.

Quando estava na sua mãe, recordava de um jogo que estava no seu pai. Quando estava no seu pai, recordava de um jogo que estava na sua mãe.

Quando amava sua mãe, sentia saudade de seu pai. Quando amava seu pai, sentia saudade de sua mãe.

Foi uma das pioneiras no vaivém das novas estruturas familiares.

Muita gente por perto, pouquíssima concentração de si. Espalhada pelos cantos, colocando roupas da hora, trocando de hábitos de semana em semana.

Não teve nem um pai completo. Teve um pai por frações, *flashbacks*, três vezes por mês. Nossos abraços cheiravam a aeroporto, rodoviária, carro.

Nossos abraços com excessiva força e tempo apertado. E irmãos, esposa, avós, solicitando a nossa atenção, parcelando a nossa breve eternidade.

A esperança cansa, minha filha.

Quantas vezes veio ver seu pai esperando que conseguiria finalmente se abrir com ele? E corria a centopeia do final de semana e as promessas se evaporavam no aceno.

O que queria lhe dizer que a gente se disse de qualquer jeito. Qualquer jeito ainda é a gente. Foi o que conseguimos. Foi o que deu. Foi o que sobrou.

Isso é superior a uma idealização, representa o trabalho de memória de duas pessoas que se esforçaram para amar – nos esforçamos dentro de um amor que deveria ser natural e herdado.

Eu escutei suas sobrancelhas, sua boca entreaberta, suas orelhas sem brincos.

Escutei quando se calava e não completava a frase. Fui completando suas frases de despedida. Fui completando as linhas imaginárias de seus dedos ágeis.

Aquela palma gorda da mão de bebê, que apenas os bebês têm, e que, após os três anos, foi emagrecendo. Aquela almofada das agulhas de minhas unhas. Conservo a maciez de sua mão na minha mão, suando frio.

Eu sei o que pensava. Pretensioso que sou.

Eu sei que me ama. Pretensioso que sou.

Tão eu, tão você.

Eu lhe amei calado. Mas com todo o meu silêncio.

O meu silêncio é inteiro e somente seu.

**MENSAGEM DE  
MARIANA AOS  
14 ANOS**

*Pai, estou apavorada. Consegui 22748000 no Pinball. Ou seja, mais de 22 milhões!*

*Acabou pra ti, Carpinejar.*

## **Fabrício Carpinejar**

Fabrício Carpinejar acredita que a vida é feita para os corajosos. E que uma palavra na hora certa pode decidir caminhos. O autor nasceu em 1972, em Caxias do Sul (RS), e atualmente está radicado em Porto Alegre (RS). Poeta, cronista, jornalista e professor, publicou 30 livros ao longo de quinze anos de literatura. Atua como apresentador da TV Gazeta e da TVCOM, colunista do jornal *Zero Hora* e comentarista da Rádio Gaúcha. Ganhou vários prêmios, entre eles: duas vezes o Jabuti, edições 2009 e 2012, o de melhor livro infantojuvenil da Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA), em 2012, e o Olavo Bilac 2003, da Academia Brasileira de Letras.

## **Ana Pez**

Nasceu em 1987 em Madri (Espanha), onde vive. Estudou História e ilustração. Começou na profissão dando cursos de desenho e participando de diferentes tipos de projetos, como capas de discos, páginas web, material para teatro. Em 2013 passa a ilustrar para o mundo editorial, colaborando com editoras como a Edelvives (Espanha) e Nobrow (Inglaterra).

Ilustrações: Ana Pez

Projeto gráfico: Victória Piffero Revisão: Mônica Ballejo Canto

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

C298d

Carpinejar, Fabrício, 1972-Tão eu, tão você / Fabrício Carpinejar ;  
ilustrações Ana Pez. - 1. ed - Porto Alegre, RS : Edelbra, 2015.

(Pedaços de vida ; 4)

ISBN 978-85-5590-026-6

1. Crônica. I. Pez, Ana. II. Título. III. Série.

15-25232

CDD-869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

---

**2016**

**Edelbra**

[www.edelbra.com.br](http://www.edelbra.com.br)

Central de Atendimento:

51 2118 4404 | [cae@edelbra.com.br](mailto:cae@edelbra.com.br)

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou copiada, por qualquer meio, sem a permissão por escrito da editora.